Veríssimo de Mélo

CASCUDO EM DOIS TEMPOS



82(813.2)-94
M485c
1979 / Ex.01 F000229

NATAL
1979

A. o grande Alvaro,

homenagem de

Virgínio d'Abreu

Natal - 79.

VERÍSSIMO DE MÉLO

CASCUDO EM DOIS TEMPOS

- O Professor

- O Epistológrafo

Edição de "A República"-
Natal - 1979

RB-24.934
FARN
BIBLIOTECA
Nº Reg F000229
01/10/05
82(813.2)-94
M485e
1979
ex 01

CASCUDO E SEUS

GOLAS-AZUIS

Numa certa manhã dos idos de 1929, em Natal, os estudantes do Ateneu - o secular ginásio da cidade -, estavam excitados. Acabavam de assistir ao desfile do 29° Batalhão de Caçadores, ao longo da Av. Junqueira Aires. Logo que o batalhão desapareceu na esquina próxima, um dos líderes das molecagens do Ateneu, Fernando Araújo, convocou os estudantes que faziam parte do Tiro-de-Guerra EIM 219, para formar em frente ao estabelecimento de ensino.

Cerca de vinte ou trinta "golas azuis" - traço característico do fardamento dos alunos, criado por Luís da Câmara Cascudo, então diretor da casa -, foram tomando posição, em fila, à espera da voz de comando. Fernando Araújo colocou uma folha de mamoeiro no cordão do mastro principal e determinou a posição de sentido. Enquanto a folha de mamoeiro subia lentamente, todos , em continência, cantavam o Hino do Ateneu - uma brincadeira escrita por João Alfredo Pegado Cortez, com alusões a professores e funcionários do estabelecimento:

Ouviram do Ateneu o toque da sineta
e disse Zé Rabelo em brado forte,
então Gurgel sacando da caneta
escreveu na testa "Viva o Sport!".
Mas como ele é professor
trancou Tibiro no quarto do diretor.
Oh! Clementino! Oh! Celestino! Oh! Israel!
Aí chegou Taizinho no seu Ford,
que já virou uma lata de gás.
E lá vem Carne-Seca de Igapó,
com a testa pra frente e os pés pra trás!
Oh! Luís Torres, és uma pamonha,
pois apanhaste nesta cata sem-vergonha
Velho Ateneu!
Entre o colégio e o seminário és tu o meu!
De Cascudinho
és a mãe de leite,
Ateneu, se ajeite!

Ao terminarem de cantar o último verso, o diretor, Cascudinho - como Luís da Câmara Cascudo era chamado pelos estudantes - surgiu como um encantamento à frente de todos, cara fechada, proferindo mais ou menos o seguinte e veemente discurso:

— Brasileiros degenerados! O insulto perpetrado contra o mastro, onde o altar da Pátria é hasteado, não tem precedente na história da nossa brasilidade! Mas a folha de mamoeiro é um santo remédio para dor de barriga, canalhas! Estão todos suspensos por trinta dias!

E citou os nomes dos líderes: Severino Araújo, Alarico, Zé Tenente, Iaponam, João Machado, Zé Bezerra Gomes - concluindo - "a fina flor dos moleques da cidade de Natal!"

O terceiro estudante, citado nominalmente - Zé Tenente (José Nunes Cabral de Carvalho) -, por coincidência, não estava presente. Encontrava-se em casa, doente, com catapora. Mas a notícia se espalhou pela cidade provinciana: a turma do Tiro-de-Guerra do Ateneu estava toda suspensa, por trinta dias. Dois ou três dias depois, Zé Tenente apareceu no Ateneu, muito abatido, ainda com as marcas de catapora no rosto. Após ler a portaria de suspensão, foi direto falar com o diretor, justificando-se. Afirmou que não participara da molecagem, pois estava doente há uma semana, em casa, tirando a túnica para mostrar o resultado da doença. Cascudo arrodeou Zé Tenente, olhou para a cara dele e sentenciou:

— É. Estava doente. Não estava em corpo, mas estava em espírito! Está suspenso!

Episódios como este aconteceram vários durante a passagem de Cascudo pela direção do Ateneu. Os alunos o admiravam como professor e o estimavam como diretor. Um deles, o mesmo Zé Tenente, nos deu depoimento conclusivo sobre Cascudo, naquela época, numa frase singela:

— Como professor, Cascudo nunca deixou de ser também um estudante.

E o próprio Cascudo, no livro *Ontém*, já registrara semelhantemente, quando escreveu: "Quem deixa de ser estudante jamais continua bom professor!"

> Cascudo atraía a todos pela sua jovialidade e alegria no relacionamento com os estudantes. Sabia compreendê-los e tolerá-los. Mas na hora da decisão, suas suspensões eram mesmo para valer. Raramente voltava atrás. Assim mesmo só fez amigos entre os alunos, que ele chamava e ainda os chama "meus golas azuis",

Embora seja uma constante nordestina, naquela época a rapaziada era quase toda mais conhecida pelos seus apelidos do que pelos próprios nomes. Alguns estudantes, todavia - refere um depoente -, "eram tão ruins, que não havia apelidos que pegassem neles, como era o caso de Fernando Araújo..."

Numa velha fotografia daquele tempo, onde todos aparecem de bacorinha — uma bossa da estudantada —, identificamos todos, inclusive alguns com as suas alcunhas pitorescas. (Vejam foto na primeira fila da direita para a esquerda, Joaquim Etelvino; Fernando Araújo; o judeu Isaac; Dante de Mello Lima; Múcio Melo; José Nunes Cabral de Carvalho (Zé Tenente); José Bezerra Gomes (Seu Gomes); Nilton Galvão (Explorador Inglês); Alvamar Furtado de Mendonça, Jeremias Pinheiro Filho (Pinheirinho ou a Cobra do Jeremias Pinheiro); José Cavalcanti Melo (Ôio-de-Pata); Alarízio Moura; Edilson Cid Varela (O Chim Maldito); Vandir Vilar, Alberto Roseli e Hermes Xavier (Hermes da Fonseca, perna fina e bunda seca). Não estão na foto outros estudantes famosos na época, como Túlio Seabra (Prá-Tudo); Osmam Capistrano (Deus); Genar Wanderley (Boi-Véio); Humberto Nesi (O Cavalo de Antônio Nesi); Antônio Soares Filho (Farinha Mofada); Eimar Carrilho; Rui Lucena (Rui Toró); Artur Tinoco (Nonô Branco); Protásio Melo (Chá de Burro); Omar Medeiros (Omar Pilitiqueiro); Omar Diógenes (Maroca); Edmundo Melo (Kanimura) e Antônio Pereira de Macedo (Pé-de-Briga).

Do mesmo autor do chamado Hino do Ateneu, João Alfredo Pegado Cortez, há uma versalha intitulada **Igapóadas**, em onze cantos, onde se narra a viagem dos estudantes do 4° ano do Ateneu à Vila de Igapó. São registradas alí, referências a estudantes e mestres, além de episódios íntimos da turma. Uma alusão a Cascudo está no Canto X, sempre carinhosa, ao contrário de outras alusivas a outros mestres:

Outrora a Escola era risonho e suja.
E "Cascudinho", o diretor amado,
que a adorava como uma coruja,
comprou o Ateneu ao dono do Mercado,
que viera das bandas de Azambuja.

suspendeu, por um dia, o bom Filgueira,
que saiu pela sombra e na carreira...

Esse Filgueira, estudante, seria depois o Dr. Antônio Filgueira Filho, médico, teatrólogo, jornalista, figura humana excepcional, de verve e inteligência. Desapareceu moço ainda, em Belo Horizonte, em consequência de um enfarte.

O Dr. Sílvio Piza Pedrosa, ex-prefeito e ex-governador do Estado, foi também "gola-azul" de Cascudo. Durante sua passagem pela Prefeitura de Natal - de quem, aliás, fomos o seu Chefe de Gabinete -, publicou obra fundamental do Mestre Cascudo: **História da Cidade do Natal,** hoje uma raridade bibliográfica. Sempre visitava Cascudo, de quem ouvia sugestões para os problemas da comunidade. Uma curiosidade nesse relacionamento de Sílvio com Cascudo: como prefeito ou depois como governador, Sílvio jamais entrou na velha casa de Cascudo pela porta principal. Sempre pulava a janela... Talvez para demonstrar que, apesar de ser a autoridade máxima do Estado, ele continuava o mesmo "gola-azul". Coisa que Cascudo adorava. Muitas vezes, nessas visitas de Sílvio, Cascudo relembrava detalhes de um exame de História do ex-governador, quando aluno do Ateneu. O ponto sorteado tinha sido o Descobrimento do Brasil. Cascudo perguntou a Sílvio:

- Como o Rei de Portugal teve notícia do descobrimento da Ilha de Vera Cruz?

Resposta de Sílvio:

- Passou um telegrama!

O episódio seria depois recordado por Cascudo no seu livro **Ontem** (Natal, 1972).

A história do Ateneu - estabelecimento de ensino médio por onde desfilaram várias gerações de potiguares, nestes quase cento e cinquenta anos -, está registrada em numerosos livros, como **Ateneu Norte-Rio-Grandense,** de Luís da Câmara Cascudo, **Romance do Ateneu,** de Clementino Câmara, além de referências esparsas noutros livros, ensaios, artigos em jornais e revistas.

A data de fundação do velho ginásio tem sido questionada pelos historiadores. Ferreira Nobre e Tavares de Lyra fixaram-se no dia 2 de dezembro de 1836. Nestor Lima e Antônio Soares no dia 2 de dezembro de 1834 - dois anos antes. Câmara Cascudo, remexendo arquivos do Ateneu e da Assembléia Legislativa, indicou nova data: 3 de fevereiro de 1834. Ele descobriu o primeiro livro de matrículas do Ateneu da capital do Rio Grande do Norte, com aquela data, assinado pelo padre Antônio Xavier Garcia de Almeida, vice-diretor. O diretor, segundo o art. 3° do Projeto dos Estatutos, organizado pela Congregação de Lentes do

Ateneu, era "sempre o Presidente da Província". Na época, o Presidente era Basílio Quaresma Torreão, que assinou em primeiro lugar o referido projeto de lei enviado à Assembléia Legislativa e aprovado a 18 de março de 1835. O art. 27, já agora da Lei nº 30, sancionada pelo Presidente Basílio Quaresma Torreão, deu o cheque-mate na questão da data de fundação, segundo Cascudo, ao declarar:

- O dia 3 de fevereiro, aniversário da abertura de matrículas, é feriado.

Com se vê, é a mesma data do livro de abertura de matrículas, assinado pelo vice-diretor Antônio Xavier Garcia de Almeida.

Entretanto - diz Cascudo - comemorava-se a fundação do Ateneu no dia 1º de março, "com festas escolares, sessão magna com discursos e declamações, as salas iluminadas, a banda de música derramando dobrados e valsas sedutoras...". Essa data foi oficializada pelo Regimento nº 23, de 17 de dezembro de 1872, aprovado pela Lei nº 729, de 16 de setembro de 1874, que já declarava no seu art. 104:

- O dia 1º de março, aniversário de instalação do Ateneu, etc...

A questão parece que deve ser colocada nestes termos: a fundação teria sido a 3 de fevereiro e a instalação a 1º de março de 1834. Cascudo entende que a verdadeira data de fundação - 3 de fevereiro de 1834 - apagara-se "na memória dos mestres e alunos", comemorando-se a data de instalação: 1º de março.

Em 1954, quando o velho prédio do Ateneu foi demolido, para no local construir-se a sede da Faculdade de Farmácia e Odontologia do Rio Grande do Norte, nos alicerces foi encontrada uma grande placa de granito, com inscrições em latim alusivas ao lançamento de sua primeira pedra. A inscrição, traduzida pelos Monsenhores Alair Vilar e Emerson Negreiros, rezava o seguinte:

"Em nome do Senhor. Amém. O Ateneu do Rio Grande do Norte, mandado edificar por Lei Provincial nº 155, do dia 7 de novembro de 1847.

Essa primeira pedra foi lançada pelo Exmº Sr. Dr. Frederico Augusto Pamplona, Presidente da Província, estando presentes os corpos docentes e discente, e os vice-presidentes e os membros da Assembléia Provincial eleita; Corpo Municipal, representações de honra e diversas autoridades e grande concurso de povo, foi depois de expressado o assunto referente à solenidade pelo Revmº padre Aluísio da Fonseca e Silva, professor de Retórica e Geografia, no dia 13 de fevereiro de 1848 (Ricardo José Lopes, escultor)".

A descoberta da placa de granito provocou celeuma na cidade. Os jornais exploraram o fato de a data da placa não coincidir com o dia de fundação a que se referia Mestre Cascudo. Tudo, porém,

não passou de pura exploração, tão ao gosto dos desocupados. A fundação do Ateneu foi mesmo a 3 de fevereiro de 1834. A primeira pedra da construção do edifício-sede do Ateneu é que foi a 13 de fevereiro de 1848, inaugurando-se o prédio a 1° de março de 1859, daí ser este dia considerado feriado escolar.

Tudo agora está explicado, claro e limpo. Mestre Cascudo nos deu mais uma lição de história, graças à sua persistência na pesquisa.

Luís da Câmara Cascudo foi nomeado professor interino de História do Brasil, no Ateneu Norte-Rio-Grandense, em 1928, pelo Presidente Juvenal Lamartine. Antes, já ensinava a mesma disciplina em outros estabelecimentos, na cidade, como no antigo Colégio Pedro II e em cursos particulares. Mais tarde, através de concurso público, se empossaria na mesma cadeira como professor vitalício.

Sobre as suas atividades no magistério, depõe um ex-aluno seu, Américo de Oliveira Costa, no livro **Viagem ao Universo de Câmara Cascudo:**

"Tinha-se, com ele, um professor que não se limitava à simples e cansativa repetição de textos, aos conteúdos inalteráveis dos livros de classe, com nomes, feitos e datas nos lugares e com as significações de sempre. A erudição, a memória, os conhecimentos extraordinários do mestre davam dimensões inesperadas aos temas dos programas. A História, nas suas mãos e nas suas palavras, animava-se de estranhas luzes e perspectivas. Era lição e exemplo, informação e testemunho, pesquisa e experiência. Rompia-se, igualmente, na sua cadeira, (...) o hábito do professor dogmático e mecânico. Ao contrário: descia até os alunos, estabelecia pontos de passagem e ângulos de convergência. Nada de compartimentos estanques, de zonas surdas, entre professor e estudante. Aquela narrativa metódica dos fatos do passado cedia a vez à "utilidade" dos juízos de Salústio e à "inteligência do passado", do conceito de Bainvill, pela busca interpretativa dos fenômenos, suas origens, incidências e efeitos, inclusive nos dias e nas situações do presente. Os fatos e circunstâncias antigos viam-se, quantas vezes, esclarecidos pela comparação e projeção dos fatos novos, em desdobramentos e prolongamentos imprevistos. Alunos de outras classes e de outros cursos acorreriam, por isso mesmo, às portas de sua sala de aula, atraídos pela sedução de uma palavra que expunha e ensinava com saber e emoção".

Fundada a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, já vamos encontrá-lo como professor catedrático (fundador) da cadeira de Direito Internacional Público da nossa Faculdade de Direito. Nomeado em 19/1/1961, tomou posse a 4/4/1961. Ainda lecionou aí seis anos e meses, antes de atingir a compulsória. Foi aposentado no dia 22 de maio de 1967. Na Faculdade de Direito

deixou o mesmo traço de sabedoria, erudição, alegria e bondade com que marcara sua passagem pelo antigo Ateneu.

Depois de aposentado, passou a sair pouco de casa, do seu gabinete de trabalho, entre os seus livros e os amigos inumeráveis que o visitam. Sentado na sua cadeira de balanço, costuma dizer aos amigos que reclamam sua presença nas reuniões ou na rua:

- A vida do aposentado é no aposento.

No livro **O Tempo e Eu,** Cascudo reúne algumas das suas reminiscências mais antigas como estudante e depois como professor.

Sua primeira professora foi dona Totônia Cerqueira, "magra, imperiosa, serena, voz seca, adivinhando métodos intuitivos, mas carinhosa e acolhedora de convívio. Aprendi com ela os fundamentos inabaláveis de tudo quanto sei. No fim do ano, amarrou-me uma fitinha azul no braço, declarando-me **aprovado** no curso adorável onde fui o único aluno".

Outra remota confissão: "Com o pavor de que os colegas de sexo me pusessem a perder, como depois puseram, minha mãe fez-me estudar no externato Sagrado Coração de Jesus, das irmãs Andrade, Guilhermina e Maria Emília. Externato exclusivamente feminino. Eu era o único varão sobre a terra...". E concluiu adiante:

> "*Meu Pai*" não amava a minha instrução mulheril e, quando voltei do sertão, meteu-me no Colégio Diocesano Santo Antônio, para ter amigos meninos.
>
> Como era difícil o acesso ao colégio, o velho Cascudo contratou dois dos melhores professores da cidade para instruir o filho, em casa. Pedro Alexandrino, filólogo, autodidata, conhecendo "a literatura clássica de Portugal e do Brasil, influindo para a elaboração do critério, julgamento, apreciação de valores literários". Posteriormente, Francisco Ivo Cavalcanti, Ivo Filho, "poeta, jornalista moderno, escrevendo dramas e comédias, discutindo pintura, música, teatro, dançando e vestindo-se com elegância".
>
> Depois, ingressa no Ateneu, tendo como professores João Tibúrcio, Manuel Garcia, Teódulo Câmara, Luís Antônio, Celestino Pimentel. Prestados os chamados "exames preparatórios", foi estudar Medicina na Bahia e no Rio de Janeiro. Descobrindo que não tinha vocação para médico, regressou a Natal, onde passou a ensinar em colégios e cursos particulares. Já nessa época o pai perdera a fortuna, não podendo mais mantê-lo no sul do país. Disse: "Para

não ser "Seu Cascudinho", horrorizando mamãe, fui para a Faculdade de Direito do Recife, levando as economias pessoais, hospedado em pensões humildes e típicas". Formou-se em 1928.

Uma confissão importante a seguir, justificando o título que receberia depois de "provinciano incurável", de Afrânio Peixoto: "A pobreza de meu pai, altiva e nobre, não me permitia abandoná-lo e viajar para o Sul, *vencer no Rio*. Filho único, devia retribuir em assistência quanto tivera em pecúnia e carinho. Fiquei, definitivamente e sem recalque, provinciano. Ia ser, até a velhice, professor jagunço".

No mesmo livro, refere-se ainda a um outro professor que tivera no Ateneu, Joaquim Inácio Torres, de temperamento explosivo, farmacêutico, ensinando Química. Entre a rapaziada, era conhecido por "Seu Torres". Relembra Cascudo: "Alto, gordo, vermelho, escanhoado, bochechas flácidas, cabeça redonda, olhos claros em constante e desconfiada vigilância, andando devagar, falando aos berros, facilmente arrebatado, discutidor, mal-humorado, era a bondade em figura de gente... Entre os estudantes era o mais popular. Talvez o mais querido. Vivia ameaçando-os de suspensão, expulsão, fuzilamento... Era o advogado instintivo de cada um deles". Narra, então, um episódio pitoresco de Seu Torres: "Morava na Av. Rio Branco, defronte ao Ateneu, perto do Quartel do 29° Batalhão de Caçadores. Uma noite, depois do jantar, charuto fumegando, arrastou a cadeira de balanço para a área mosaicada diante da casa, sentou-se, gozando a viração refrescante. Passou um cabo do Exército, que vendo aquela tranqüilidade, entrou e cochichou-lhe ao ouvido:

— Seu Torres, é melhor o senhor entrar. Não fique aqui fora, exposto. Vai rebentar uma revolução no quartel. Naturalmente haverá tiroteio...

— Revolução, hem? Está certo. Obrigado. Ora essa...

Não perguntou que revolução era e nem para quê. Meteu-se na sala de jantar. Meia hora depois, como nada ocorresse, levou a cadeira para fora e sentou-se, fumando. Passou um soldado, correndo. Torres chamou-o, aos gritos. O soldado atendeu.

— Então, como é? Vem ou não vem essa revolução? Comecem logo. Que gente demorada!

— Vai rebentar logo, Seu Torres. Não se arrisque. Entre.

Foi o levante comunista de novembro de 1935, que dominaria Natal durante três dias.

No livro *Ontem,* Cascudo anota observações de sua vivência como professor. Numa delas, aconselha ao professor não dar aula, se estiver de mau humor. Diz: ''Não dê aula com mau humor. Propaga-se como mau cheiro. Será uma dissertação vazia de sentido exato, substituí-lo pela incontida veemência da sublimação ante um auditório de solidariedade irresponsável e fácil. As emanações da contrariedade irradiam-se, contaminando os alunos. Tornam-se agitados, susceptíveis como candidatos infelizes. Não haverá interesse senão em conhecer as causas do descontentamento do professor. Santa Tereza confessava. ''Crea que a una monja descontenta, yo la temo mas que a muchos demonios!''. Cascudo conclui: ''Não dê aula. Desabafe ou exiba sua mágoa noutra paragem...''.

Cascudo segue anotando outras curiosas observações de sua experiência como professor, no mesmo livro: ''Quanto dura a atenção do estudante? Os clássicos quarenta minutos de aula são indispensáveis, mas não totalmente proveitosos. Uma atenção normal entre estudantes não alcança trinta minutos. Nos derradeiros, a intervenção da vontade prolonga o estado da recepção. A atenção provocada por motivação técnica, exibição de peças atraentes, narração de episódios empolgantes ou anedotas felizes são exceções. Refiro-me ao interesse em aluno sadio e sentado perto da namorada. Sentado longe, ocupa-se insensivelmente na fiscalização da ''inocente''. Os dez minutos iniciais servirão para as despesas primordiais, acomodação, permuta de saudações, início de falação. Não fiar-se muito na sensibilidade imóvel do auditório. Numa aula de colégio, um aluno de olhos fixos em mim segredou qualquer coisa a um colega, que concordou. Ambos meus amigos. Na saída, perguntei o assunto segredado. ''Ele me disse que o América vai perder feio no campeonato!'' Perdoem a confidência de que os es-

tudantes de outras classes fugiam para ouvir-me à lo-qüela, *mixedpickles* de viagens, originalidade, bom humor. Essencial, evidentemente, é aproveitar o quente dos dez primeiros minutos, afastando comentários, reparos, divagações. Figura o fogo de vista no fim da festa verbal, quando a atenção seja propositadamente fisgada. O Prof. Tovar, reitor de Salamanca, afirma que 50% do que escrevemos e dizemos são inutilidades, recheios, decorações. Mais de vinte anos investiguei o final das aulas na retentiva das turmas. Haviam fixado "quanto lhes dera nos quinze, vinte, e cinco minutos iniciais. Exceto quando, tendo necessidade, "ligava os quatro motores", obtendo atenção assimiladora. Observação em aula oral. Sem ter nada para mostrar".

Vejam como Cascudo dividia os estudantes: "Alpinista e patinador é a minha divisão clássica de estudantes. Os que sobem com lentidão e custo, e os movimentados bailarinos do êxito. Caçador na mata ou artista de tiro-ao-alvo no palco. Os que compreendem e os que representam a cultura. Autor e ator. Entre essas duas expressões típicas, vivem as modulações, variantes, imitações e plágios, significando formas complementares ou transições no desenvolvimento da espécie. Todos se julgam morfologicamente originais, cabeça de ponte, fundamentos na construção escolar. Distância entre o boleeiro e a môsca do coche. Alicerces e falsas cariátides, fingindo Atlas. Lógico que o patinador seja mais visível, aclamado, vitorioso. O alpinista guarda o patrimônio das supremas visões, altitudes vencidas, vivas na memória. Tem a compensação da vida íntima, múltipla, suficiente. O competidor exibe os troféus dos campeonatos sonoros. Atenas e Hollywood. Música para ouvir e ritmo para danças".

Com sua longa experiência de professor, Cascudo não só conhecia todos os macetes dos estudantes, como fixou muitos deles, para servir de modelo aos mestres mais novos. Vejam este, que está no livro *Ontem:* "Nos cursos secundários, os novos professores eram submetidos a um teste de capacidade profissional, obtendo crédito de cultura, conforme o resultado. Numa das primeiras aulas no Ateneu, senti a presença da iniciação tradicional. Um aluno mais credenciado pelos colegas faria uma ou mais perguntas, com o ar na-

tural de quem deseja informar-se. O professor pouco feliz na explicação imprevista dificilmente reabilitar-se-ia. Depois dessa prova, passava em julgado o merecimento do mestre.

Acrescenta que, olhando a turma, jamais poderia imaginar que dali sairiam desembargadores, professores universitários, secretários de Estado, deputados federais, etc. E relembra o teste de que foi vítima: "Numa das primeiras carteiras, um estudante airoso, desembaraçado, abria sorriso inocente, que a malícia dos vivos olhos azuis desmentia, e deu o toque de avançar:

— Pofessor! Com licença, qual a diferença entre pirata e corsário? Diz Cascudo: Larguei falação sobre os ladrões do mar e os portadores de carta de marca, podendo exibir o pavilhão nacional. Desigualdade radical no tratamento, quando vencidos - prisioneiros de guerra, podendo ser resgatados, por ouro ou permutados, e os outros, içados à verga mais alta com um laço de corda no pescoço. Dei os modelos ingleses e franceses mais brilhantes na valentia cruel e rapinante. Antes de expor o ponto do dia - Antecedentes do Descobrimento do Brasil -, recebi a saudação cortês do rapaz:

— Muito obrigado, professor! Seria o general Umberto Peregrino...

O Prof. Leopold Infeld, um dos colaboradores de Albert Einstein, em Princeton, declarou, certa vez, a respeito do sábio:

— Aprendi muito com Einstein no domínio da física, mas o que me calou mais fundo foi o que aprendi em contato com ele no domínio humano; nesse domínio, admirei-o ainda mais do que no domínio científico.

Cremos que todos aqueles que privaram ou privam ainda com o escritor Luís da Câmara Cascudo podem dizer o mesmo em relação ao seu humanismo, a sua filosofia de vida, ao seu otimismo, à sua esfusiante alegria de viver.

BIBLIOGRAFIA

CASCUDO, Luís da Câmara. *Ontem*. Natal, Imprensa Universitária, 1972.

— *Ateneu Norte-Rio-Grandense*. Natal, Col. Juvenal Lamartine, Imprensa Oficial, 1961.

— *O tempo e eu*. Natal, Imprensa Universitária, 1968.

— *Voz de Nessus*. João Pessoa, Ed. Universidade Federal da Paraíba, 1966.

COSTA, Américo de Oliveira. *Viagem ao universo de Câmra Cascudo*. Natal, Ed. da Fundação José Augusto, 1969.

CASCUDO -

O EPISTOLÓGRAFO

A grandeza de uma obra literária ou científica, como todos sabem, - exige do seu criador uma luta incessante e sem tréguas, durante toda a existência. A leitura de uma bela página, por exemplo, raramente deixa entrever o esforço solitário do escritor, muitas vezes madrugada a-dentro, à procura de um dado fundamental para respaldar um conceito, uma afirmação mais ousada.

E mais. Como o trabalhador humilde, em sua oficina, é absolutamente imprescindível que o escritor disponha de instrumentos adequados ao seu ofício, de meios que possibilitem sua tarefa profissional. O escritor isolado é um mito do passado, como tantos outros. Nunca existiu. Quem escreve deseja comunicar-se. Deseja ser lido. Dependendo da comunidade e da área onde vive o escritor, essa comunicação poderá realizar-se com maior ou menor velocidade, com maior ou menor êxito. O chamado escritor provinciano, por exemplo, sempre viveu um tanto defasado em relação aos escritores das metrópoles. Isso muito mais no passado do que nos dias de hoje, com os veículos modernos de comunicação. Entretanto, para superar esse desnível ou pelo menos atenuá-lo, sempre houve e há instrumentos indispensáveis ao escritor, como o livro, a revista, o jornal, a correspondência em geral.

O caso concreto do escritor Luís da Câmara Cascudo, nosso Mestre e amigo, é realmente fenômeno digno de estudo, pela originalidade, qualidade e quantidade de sua obra. Há que considerar, nessa avaliação, não apenas o seu talento natural, sua vocação literária, sua saúde e prodigiosa memória, mas igualmente outros valores e instrumentos poderosos dos quais lançou mão para realizar-se e produzir uma obra, que é hoje orgulho e patrimônio nacionais.

Cascudo estudou medicina na Bahia, até o quarto ano, formando-se, depois, em direito, no Recife. Tudo o mais que adquiriu culturalmente, se deve ao seu esforço persistente e incansável de autodidata, produzindo, durante cinquenta anos, uma centena e meia de livros valiosos, ensaios, estudos, além de milhares de artigos em jornais e revistas, ao mesmo tempo em que lecionava, proferia conferências e mantinha correspondência alucinante por esse país a-fora e estrangeiro.

Não há dúvidas de que foi o livro, no sentido mais amplo, adquirido às vezes, às duras penas, o grande instrumento que o eruditizou. Observe-se que a obra de Cascudo, seja a do historiador, do folclorista ou do ensaísta, é toda ela fundamentada em pesquisa. Resultado de suas buscas em livros raros, jornais velhos, documentos civis ou eclesiásticos. Cascudo não fez ficção, a não ser uma ou outra página, por desfastio. Sempre trabalhou na base de documentação, seja do livro, de informações orais, do seu próprio testemunho ou recorrendo às fontes históricas convencionais.

Aqui devemos colocar um dos aspectos menos conhecidos de sua produção intelectual e projeção nacional e internacional. Afirmamos que foi através do livro, principalmente, que ele conseguiu a grande erudição que armazenou e transferiu-a posteriormente aos seus livros. Pergunta-se: Como foi possível a Cascudo, vivendo sempre na Província, obter tantos livros fontes? Reunir biblioteca enorme e que é uma das mais importantes do Estado ou da região, na sua especialidade?

Cremos que a revelação constituirá não apenas um dos pontos menos badalados da obra cascudiana, mas sobretudo é também um dos grandes segredos do seu êxito como escritor. Queremos nos referir ao epistológrafo Luís da Câmara Cascudo. Sua correspondência, gigantesca e diária, durante todos esses anos, foi o principal instrumento que possibilitou o seu contato com tanta gente, dentro e fora do país. Foi através dessa correspondência, quase diria ciclópica, que ele obteve os livros, em sua maioria, que lhe deram as condições e informações necessárias à realização de sua obra.

É possível que seja raro o escritor, o intelectual, o cientista brasileiro, por exemplo, nestes últimos cinquenta anos, que não tenha escrito ou recebido de Cascudo alguma carta, livro ou plaquete. As editoras de todo o país, também carrearam ao nosso Mestre quantidade copiosa de livros, para homenageá-lo ou obter impressões. Esse relacionamento à distância de Cascudo, que ninguém ignora, foi e é uma das grandes alavancas tanto da erudição quanto da projeção pessoal desse extraordinário escritor norte-riograndense.

Saliente-se que Cascudo sempre foi grande epistológrafo. Sempre gostou de receber e escrever cartas. Cartas onde pedia informações sobre as coisas mais variadas possíveis que interessavam aos seus estudos, assim como também recebia os mais incríveis pedidos de informações. Todos se recordam - os que leram sua obra, - do pedido já hoje folclórico de certo professor norte-americano, que através de telegrama Western, urgente, com resposta paga, desejava saber de Cascudo se jacaré dorme de noite...

Entendemos que nenhuma prospecção na obra e na personalidade de Cascudo estará completa sem uma análise do gênero literário que ele tem cultivado como poucos, neste país: o epistolar. Cultivado paralelamente à medida em que produzia obra árdua e monumental, toda ela, - repita-se, - com base em pesquisa bibliográfica e na tradição oral.

Nesse sentido, Cascudo se equipara a espistológrafos famosos no país, como o foram Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Monteiro Lobato, Godofredo Rangel, Graça Aranha, Capistrano de Abreu, e tantos outros que se destacaram no gênero. Aliás, com o autor de "Macunaíma", Cascudo manteve correspondência durante anos. Sabemos que essa troca de idéias entre os dois escritores nem sempre foi amena e concordante. Houve momentos de sérias discrepâncias em torno de pontos de vistas, notadamente no domínio de formulações teóricas sobre o folclore em geral.

Cremos que é inédita essa abordagem do papel e da significação da correspondência na vida intelectual de Cascudo. O que para muitos escritores foi mero episódio, sem maior penetração na personalidade ou na sua obra, a prática da correspondência foi e tem sido uma constante na vida de Cascudo, uma permanência diuturna, que começa há sessenta e tantos anos passados e dura até hoje. As pilhas de cartas respondidas ou a responder em sua mesa de trabalho, gavetas, arquivos, têm sido preocupação de todos os dias na vida do Mestre. E é admirável que ele tenha conseguido manter praticamente em dia todo esse rolo compressor, ao mesmo tempo em que produzia obra séria, volumosa e fecunda.

A CARTA, UMA OBRA DE ARTE

A carta em si, a troca manuscrita ou datilografada de notícias entre duas pessoas, até que ponto pode representar mais alguma coisa além de simples forma secular e tradicional de comunicação?

Sobre a importância das cartas íntimas de um escritor, como projeção de sua personalidade, escreveu Josué Montelo no prefácio ao livro de Gilberto Freyre "CARTAS DO PRÓPRIO PUNHO SOBRE PESSOAS E COISAS DO BRASIL E DO ESTRANGEIRO": ... as cartas que lhe saem da pena, embora dirigidas a uma única pessoa, constituem documentos fundamentais de sua futura biografia. Elas são, mesmo, de certo modo, a sua autobiografia fragmentada, e que ele vai compondo sem dar por isso. Se pudessem ser resumidas na sua totalidade, corresponderiam ao livro íntimo, palpitante de revelações expontâneas, com

algumas de suas confidências mais preciosas. Toda a sua vida estaria alí, refletida no espelho epistolar, permitindo-nos discernir o homem verdadeiro na personagem em que este se transfigurou".

Sylvio Rabelo, na introdução ao mesmo livro de Gilberto Freyre, indicava a quem pode também interessar as cartas íntimas: "... há por trás desse objeto (o assunto) formulado claramente por palavras, outro interesse que alcança a outras pessoas e até a um possível público. E, assim já não seria o que as cartas comunicam diretamente, mas o que elas subtendem ou revelam das pessoas; não só de quem as escreve como também de quem as recebe. Neste sentido é que Gordon Allport as recomenda, ao lado dos diários e outros documentos íntimos, como instrumento de pesquisa de personalidade". E sobre as várias motivações dessas cartas, acrescenta Sylvio Rabelo: "Não é difícil então encontrarem-se cartas que são verdadeira catarsis, ou são de um caráter projetivo; e até mesmo valerem como uma espécie muito particular de psicoterapia".

A carta, - sabemos todos, - pode ser e o é, muitas vezes, uma obra de arte. O padre Antônio Vieira, sábio de tantos saberes, dizia que "a carta é uma arte sem arte". Certamente querendo afirmar que a carta pode ser uma obra de arte, independente de normas estabelecidas, acima e além de extravasamentos psicológicos, acima e além de constituir documento sociológico ou antropológico de uma época. Em nenhuma outra forma de comunicação, favorecida pela distância, alguém pode revelar-se a outro de maneira mais informal ou mais liberta de preconceitos. O missivista, numa carta de amor, por exemplo, abre o seu coração e se derrama diante da pessoa amada, às vezes muito mais do que o faria oralmente. São típicas e clássicas, nesse sentido, as cartas imortais de Madre Mariana Alcoforado, que viveu entre os séculos XVII e XVIII no Convento de Nossa Senhora da Conceição de Beja, em Portugal. São obras-primas na espécie. Na sua extrema variedade de motivações, - das cartas de amigos às comerciais, as mais frias de todas, - a arte de uma carta parece estar muito mais no estilo, na graça de quem as escreve do que no objetivo que se pretende alcançar. Uma carta, - sabemos -, pode revelar um escritor, ou negá-lo, para sempre, - como um relatório revelou Graciliano Ramos. Talvez não haja duelo mais contundente e terrível, entre dois escritores de talento, do que aquele que se efetua através de cartas. Entretanto, o debate de idéias pode alcançar e tem alcançado o mais alto nível literário e cultural, em qualquer tempo, por intermédio da troca de missivas.

A CORRESPONDÊNCIA DE CASCUDO ESTÁ CONSERVADA

Em palestra recente, com Cascudo, ele nos informava os nomes dos escritores, no país, com os quais tem mantido mais assídua e intensa correspondência: Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Nilo Pereira, Cassiano Ricardo, Monteiro Lobato. Deste último, acrescentou que deve ter mais de duzentas cartas! No exterior, o maior volume na troca de correspondência foi com Artur Coelho, em Nova York, e Perry Vidal, em Lisboa, diretor da Biblioteca da Ajuda.

Confessou-nos que a maioria das cartas de Mário de Andrade está guardada, em arquivo. E de modo geral, - eis uma boa notícia para todos, - sua correspondência essencial está conservada. Mas, adiantou que seu arquivo está desorganizado. E fez blague, dizendo: - "Senão eu não deixaria nada a fazer aos pesquisadores, depois da minha morte..."

Sobre a importância dessa correspondência, em arquivo, declarou-nos: "Toda correspondência é importante. A mais banal reflete a normalidade do espírito. Nenhum livro de Machado de Assis, de Flaubert, de Monteiro Lobato constitui depoimento, como as suas cartas particulares. O cuidado, a meticulosidade de Machado de Assis, que não escrevia cartas íntimas; o aparato inevitavelmente literário de Flaubert, nada se compara à naturalidade torrencial de Monteiro Lobato. Não só como está na BARCA DE GLEYRE, mas em qualquer carta que escrevia.

O mais original endereço que já recebeu em suas cartas foi o do pintor e desenhista português, Neves e Souza, que até poucos anos morava em Angola. Ele colocava no alto do envelope o Exmº Sr. e logo abaixo, em lugar do nome, uma caricatura de Cascudo, fumando charuto, inconfundível pelo realismo dos traços.

DEPOIMENTOS SOBRE O MISSIVISTA CÂMARA CASCUDO

Semana passada, em visita ao escritor José Américo de Almeida, - em companhia de minha mulher, do Pró-Reitor da UFPB Prof. Iveraldo Lucena da Costa e do escritor Altimar Pimentel, - indagamos do iniciador do romance social no Nordeste se ele mantivera correspondência com Cascudo e qual a sua impressão, nesse aspecto, do escritor potiguar. O autor de "A Bagaceira" afirmou-nos que não cultivou esses gênero, - o epistolar, pois sempre tivera letra péssima e não escrevia à máquina. Só nos últimos anos, quando teve secretária à disposição, é que passou a ser mais assíduo em sua

correspondência. Com Luís da Câmara Cascudo trocou algumas missivas, depois que o conheceu pessoalmente, a partir de 1922. Sempre achou pitorescas suas cartas, com alguns achados, como só ele sabe obter, e o permanente bom humor. Admirou-se quando lhe informamos sobre a volumosa correspondência de Cascudo com o mundo intelectual e dos pedidos de informações que fazia ou recebia de toda parte sobre os mais diversos assuntos. Eis aqui um dado, que não é de se desprezar, no estudo da personalidade de um escritor do porte de José Américo de Almeida: Ele não cultivou o gênero epistolar por deficiência de sua caligrafia. Entretanto, podemos adiantar, - para os que não o conhecem mais de perto, - algumas cartas com que José Américo de Almeida nos tem honrado, já datilografadas, são modelares como síntese de seu pensamento e objetividade de conceitos, sem esquecer o estímulo que infunde a todas as palavras que transmite aos amigos mais jovens e mais modestos.

O escritor Nilo Pereira nos deu também depoimento precioso sobre o missivista Luís da Câmara Cascudo. Sobretudo em torno de expressões usuais nas numerosas cartas que tem trocado com o Mestre. Destaca que ele se assina sempre **Luiz Natal** - maneira de se identificar com a cidade. Ou **D. Luiz.** Ou ainda **Luiz do Sobrado.** Confessa Nilo Pereira: "Invariavelmente, as cartas dele para mim terminam com o clássico **Larim, toré, babá,** - que evoca um tio meu, no Guaporé, que com essas palavras cabalísticas, resumia a sua admiração pelo caleidoscópio, que gostava de usar para ver "vistas" maravilhosas.

Outra expressão usada nas cartas para mim, diz Nilo: BÓ. Abreviatura de qualquer coisa. Foi utilizada, na Paraíba, por ele, numa noite festiva em que um certo personagem (coitado, já morreu) não nos deu a devida importância. Talvez tudo não passasse de uma impressão falsa ou precipitada. A verdade é que o BÓ intranscendente (como diria Nelson Rodrigues) ficou nas conversas e cartas, muito usada também pelo cronista Paulo do Couto Malta e por Gilberto Osório de Andrade. Ainda hoje, quando chego, às terças-feiras, para as reuniões do Conselho Estadual de Cultura, Gilberto Osório se levanta e me saúda com um estrepitoso BÓ, que nos remonta à noitada paraibana, mais ou menos frustrada.

Expressão também usada por Berbelho (é assim que Nilo o trata na intimidade) nas cartas que me dirige: **Inhém.** Significa a última palavra nas coisas, nas leituras, nas citações. Originou-se, segundo penso, - de um discurso proferido por Paulo Pinheiro de Viveiros, no Tribunal , ao defender uma causa. Para dar a última palavra no assunto, citou Ruy Barbosa e exclamou, sem se sentir: — **Inhém.** Quando viu, já tinha dito...

Como sabe, - prossegue Nilo Pereira, - o endereço das cartas de Cascudo para mim é invariavelmente - **BARÃO DO GUAPORÉ**. Um carteiro me olhava de longe, respeitoso. Até que, um dia, pediu licença e entrou, desfechando a sua curiosidade para cima de mim: "- O sr. é Barão?" "Barão coisa nenhuma", respondi. Foi uma decepção. Ele pensava que um Barão era assim como eu - sentado no terraço de casa, se balançando numa cadeira...

Já nos telegramas, que me passa, Cascudo usa outra saudação final, que é esta: VIVA DR. LAURO SODRÉ. Essa é realmente estranha e tem a seguinte origem: quando Afonso Pena foi eleito Presidente da República veio ao Norte (como se chamava então), viajando no Rio Grande do Norte de trem. Passou em Canguaretama. Um orador local resolveu dirigir-lhe a palavra. O discurso era longo. O pior é que o trem (chamado "composição") devia demorar apenas três ou quatro minutos na estação, enquanto o povo via o Presidente. Num dado momento, a locomotiva silvou fino e o nosso orador, indignado, amassou o discurso que vinha fazendo e atirou-o dentro do vagão, gritando: VIVA O DR. LAURO SODRÉ, - opositor de Afonso Pena. E conclui Nilo Pereira: "Eis a minha pobre contribuição à epistolografia cascudeana. Berbelho é incomparável. De uma feita, disse ele: É um relâmpago nos abismos. Não é má a caracterização. Ele ilumina tudo com os olhos doces de português alentejano e a cabeleira esguedelhada de um deus caído por descuido do Olimpo".

Dois dos seus biógrafos, Américo de Oliveira Costa e Diógenes da Cunha Lima fizeram breves referências ao missivista Luís da Câmara Cascudo. Américo, no seu ensaio "Viagem ao Universo de Câmara Cascudo", apenas pergunta: "E a sua correspondência, no caso de ordem intelectual, trocada com companheiros, nem sempre vistos ou jamais encontrados, de aventuras livrescas de dentro do país ou separados até por espaços oceânicos ou continentais, a ser, um dia, naturalmente, catalogada, comentada e publicada?"

Diógenes da Cunha Lima, a quem Cascudo, em bilhete recente, tratava por **Cunha forte** e **Lima doce**, - no seu livro "CÂMARA CASCUDO - UM BRASILEIRO FELIZ" declara que seria "interessante uma pesquisa das cartas do escritor, durante todo esse tempo, pelo menos de 1930 para cá". Lembra detalhes íntimos das cartas do Mestre com Nilo Pereira e cita alguns telegramas pitorescos. Num deles, relembra a homenagem que o Almirante Carlos Chagas Diniz prestou, juntamente com sua oficialidade, na Bahia, a Cascudo, tratando-o por "Comendador Africano", ao ter notícia da presença do Mestre em Moçambique. Ao regressar ao Brasil e tendo ciência da homenagem, Cascudo telegrafou ao Almirante nestes termos: ALMIRANTE CARLOS

CHAGAS DINIZ - COMANDO NAVAL - BAHIA - PERGUNTO A VOSSA EXCELÊNCIA O QUE A BAHIANA TEM". O Almirante, no dia seguinte, respondeu a Cascudo com esta mensagem telegráfica: CORREIO RECUSA TAXAR MEU TELEGRAMA RESPOSTA".

CORRESPONDÊNCIA COM THAVILLE

Tem o maior interesse para o nosso tema uma coletânea de cartas organizada por Thadeu Villar de Lemos (Thaville), intitulada "MENSAGENS DE CÂMARA CASCUDO E COSME LEMOS", I Volume, editora Pongetti, Rio, 1972. É possível que seja conhecida por alguns, mas não cremos que tenha tido difusão nacional mais ampla. Thadeu Villar de Lemos é amigo de infância de Cascudo e com ele se carteia há muitos anos. Nessas mensagens, Cascudo deixa transparecer suas preocupações quotidianas em meio a algumas observações fundamentais para o conhecimento de sua obra. Thadeu teve a sabedoria de guardar as cartas do Mestre, preservando precioso documentário afetivo e biográfico. Thaville divulga 62 cartas com autorização de Cascudo. Sobre as demais, disse que o Mestre recomendou expressamente: "Somente depois que deixar o planeta Terra é que podem ser publicadas, se os meus netos permitirem".

Relendo essas cartas, algumas deliciosas, não podemos deixar de respigar certos trechos relevantes ou expressivos para conhecimento mais profundo do escritor ou do homem Cascudo. Ele, como se diz, está solto nessas cartas. Todos podem imaginar o que transmitiu a Thaville nesses sete anos - de 1966 a 1972, - livremente, intimamente, fraternalmente...

A primeira carta, de novembro de 1966, é um primor de juvenilidade e otimismo. Após agradecer livro de Thaville, aconselha-o: "Ocupe-se para não preocupar-se. Estou aposentado, 71 anos em dezembro, surdo, míope, jumentalmente otimista e grudado na leitura, com os dedos na máquina. Um livro atrás do outro, numa obstinação de percevejo faminto. Não páre. Lembra-se do esquecido Marden? "O homem é como a bicicleta: parou, caiu". Eu, nem no caixão pararei, porque católico, acredito na vida eterna e essa não será imobilidade. Um beijo no focinho".

No dia 1 de março de 1966 comunicava a Thaville o movimento desencadeado na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras para candidatá-lo à Academia Brasileira de Letras. Declara: "Para começo de conversa: - não sou candidato senão a uma boa morte o mais tarde possível. Deu uma **aragem** (grifado) na Academia local para fazer-me imorrível, mas consegui recuperar o direito de

morrer. Tem-me custado caro. Cartas e até telegramas. Não foi possível evitar o berreiro dos jornais. Falta de assunto. Graças a Deus o presidente da Academia restituiu-me o papel, que eu, esgotado e emocionado pelo assalto de ternura na noite de 18 de janeiro, assinara. E eles (grifado) transformaram em petição para inscrição".

Ao receber livro de Thaville, a 31-3-1979, dizia: "Seu livro chegou numa hora oportuna, servindo de vitamina e libertação mental. Estou na interminável convalescência da Hong-Kong (Referência a uma gripe da época). Inapetência. Preguiça mental. 50 dias sem ver a rua. Lendo pouco. Sem poder receber. Reduzido a um depósito de catarro, tosse e mau humor. V. chegou na hora da onça beber água. Vou ler. Viver com você nossa mocidade, o amor pelas figuras que deixaram saudade. Um encanto, Thaville! V. é o meu fornecer de proteínas".

Desculpando-se por não ter uma foto para enviar a Thaville, a 5-11-70, diz: "Retrato fica prometido. É uma vergonha, mas não tenho reprodução de minha lindeza".

Sobre Daliana, o nome da neta, confessa a Thaville, no dia 14-11-70: "Não havia, em 21 de abril de 1963, quando se batizou outra Daliana no Brasil. Damiana, sim. Depois é que li um soneto de Luís de Camões: "Quantas vezes do fuso se esquecia/DALIANA, banhando o lindo seio". "Quatro séculos antes, Camões plagiara-me o nome da neta!"

Mais adiante, na mesma carta, outra confissão curiosa: "Continuo como sempre fui. Sem dívidas, sem credores, sem cobrança de prestamista. Nem dinheiro e nem pedi-lo emprestado. Vivo do que recebo. Pouco mais de dois mil cruzeiros mensais. E muito feliz. Não pego no manto de ninguém".

Sobre o diplomata conterrâneo Ubaldo Bezerra Neto, diz Cascudo numa carta de 7-6-1971: "Ubaldo Bezerra Neto é esculpido em Bondade. Não nasceu. Caiu do céu".

A 23-6-71 anunciava livro para o ano seguinte, que não chegou a publicar. Dizia: "Seu compadre Tobias, - o título é uma delícia, terá 999.999 assuntos tratáveis semanais e eu ainda ia catucá-lo para mais um. Seria livro para 1972, uma ANTOLOGIA DE FANTASMAS. Essa ANTOLOGIA agenciava depoimento de cada estado, original, contemporâneo, inédito, sobre os fantasmas legítimos e não nascidos do quengo jornalístico, fonte fecunda de maginações. Volume precioso e de que carece a bibliografia nacional, mastigadora das mesmas imitações, mudando molhos de sangue, esperma e suor. Mas, não conheço o seu compadre Tobias e o plano vai ficar para quando Deus mandar oportunidade".

Enviando um poema de Carlos Drummond de Andrade a Thaville, a 14-8-71, dizia Cascudo: "Estou, positivamente, importante como um antigo oficial de gabinete. Aí vai um poeminha do grande Carlos Drummond de Andrade, em louvor da minha glória suburbana e canguleira. Nem tenho coragem de agradecer a esse mineiro, que conduz todas as riquezas vivas das Minas Gerais eternas, dentro do rubi cardíaco. Repito o meu compadre Joracy Camargo. "Deus lhe pague!".

Numa carta de 27-8-71, usando um dos seus métodos de trabalho, pede ao amigo Thaville que faça um inquérito entre seus amigos fluminenses e cariocas, "notadamente padres e senhoras" pois deseja saber "quais são as devoções religiosas mais populares do Estado do Rio e na Guanabara. Palavras textuais: "Meta a cara, perguntando e tomando notas. O inquérito compreende todo o Brasil e deixo esses dois Estados com a sua inesgotável dedicação".

Noutra carta de 28-8-71, alinha reflexões: "A vida que vivemos, Thaville, é um tanto feita por nós. O ambiente depende do nosso esforço teimoso, eliminando o desagradável-contemporâneo e fazendo permanecer a ternura com que recordamos uma existência limpa, simples, feliz, sem vôos e sem quedas. É quanto nós dois realizamos. Tenho piedade dos que se acomodam nos fogareiros, dizendo-os poltronas... As alegrias espontâneas, humildes e naturais são as únicas legítimas. As outras são publicidade de vagalume promovido a farol de navegantes".

Confissão importante para futuros biógrafos está na carta de 21.9.71 a Thaville: "Como pesquisa artística e verídica, musicalidade de linguagem emocional, o livro que mais me agrada entre os meus é CANTO DE MURO, publicado pela José Olímpio, em 1969. Nem sequer posso modificá-lo, porque parece trabalho mediúnico. É o que mais amo pelo conteúdo de intensa significação moral e pelo esforço para realizá-lo".

Noutra de 29-9-71, bem humorada, divulga velha pilhéria do sertão: "Desgraça de velho são os 4-K, diz o sertanejo: Carreira, queda, caganeira e casamento! Deus o ponho bom e distante dos andaimes".

Como todo mundo, Cascudo estranhou a guinada de 180 graus da Igreja católica, após o último Concílio. Desabafa a Thaville, no dia 20—11—71: "Imagine que deixei a Maçonaria, com alto grau, em 1928, para poder casar. Hoje, estão todos aos beijos e abraços, elogios, conferências de padres na Maçonaria e mais troços. Vamos deixar essas meditações senão corremos doidos de pedras, nós dois".

No dia 30—11—71 comunicava: "Hoje, solenemente, entreguei a minha UMA HISTÓRIA DA ASSEMBLÉIA

LEGISLATIVA DO RIO GRANDE DO NORTE", 445 páginas. Tarefa digna do gigante Golias e de doido varrido".

Fechando uma carta a 15—12—71, citou a expressão latina **Nolite Judicare!**, acrescentando: Ainda tenho essa mania do latim, como aluno do velho João Tibúrcio, que diziam roncar em latim".

Observe-se: No dia 22—1—72, num bilhete a Thaville, pedia: "Cachaceiro e devoto de livros não podem cumprir promessas de renúncias. Trata-se do livro espanhol, Colección Austral, EKERMANN, CONVERSACIONES CON GOETHE". E no dia 12—2—72, repisava: "No dia 10, mandei 100 cruzeiros para continuar explorando a V. no envio de livros, destino dos Santos utilizados pelos pecadores do meu lote". E finalmente, a 22—2—72, já agradece os livros desta forma: "TE DEUM! O correio fez um **goal** magistral! Pela manhã de ontem li sua carta, com o recibo postal, e às 15 horas o nosso empregado entregava-me o pacote contendo os livros! Viva o correio! Estou radiamente abastecido para meio ano de deglutição literária!..."

A 3 de março de 1972, lamenta ao amigo o desaparecimento do escritor Jordão Emerenciano, "uma das criaturas melhores que o Brasil possuiu". E descreve-o com estes traços vivos: "Alto, um metro e setenta e muitos, 120 quilos, cavanhaque, católico puro, o melhor garfo do Recife, adorando dar-de-comer aos amigos, diretor do Arquivo Públido Estadual, professor da Universidade, suplente de senador, era um encanto de inteligência, ternura, entendimento".

A 20-3-72 volta a dar notícia sobre o seu livro mais querido, quando diz a Thaville: "O Daniel Pereira, da José Olímpio, telegrafa-me avisando que CANTO DE MURO terá segunda edição. Será, graças a Deus, revista e diminuída, retirando-se o derradeiro capítulo, longo, erudito e pedante como peru de roda".

Sobre um assunto, vez por outra comentado na Província e fora dos nossos muros,-o destino de sua biblioteca, no futuro, comenta com Thaville: "Mark Twain telegrafou ao Times de Londres, que noticiou seu falecimento: "Notícia minha morte um tanto exagerada." Notícia tombamento minha biblioteca é boato um tanto exagerado. Não houve, não há e provavelmente nada haverá no assunto, exceto na vontade de alguns fiéis sonhadores. Jamais tomarei a iniciativa no assunto. Os jornais andam dando notícia. Do Ceará e Recife, pelos menos, já lí os amáveis recortes".

A 22-8-72 confessa a Thaville sua luta em receber amigos e curiosos que querem ouví-lo, vê-lo, perguntar coisas. Diz: "Estou

um tanto fatigado das visitas incessantes. Dia com 29 pessoas... Estudantes perguntando. Gente com gravadores. Fotos. Não sei fingir desinteresse e ligo os motores, gastando meu pobre combustível setuagenário e ralo. Com a noite, estou cansado, indignado com a minha gentileza adversária à própria saúde".

E sobre o montão de cartas de toda parte, solicitando-lhes informações, desabafa a Thaville, no dia 1-9-72: "Está na cara, evidentemente, que suas cartas e bilhetes são indispensáveis à minha solidão, povoada de visitas e solicitações. Tenho aqui nove cartas solicitando informações que tomariam meses. Nenhum pensou no trabalho duplicado que deseja receber, imediato, jubiloso, de um velho de 74 anos. Lógico que não poderei atender a todos". Etc.

UM BILHETE DE CASCUDO

Para concluir, um bilhete que Cascudo nos enviou, divulgado pelo jornalista Woden Madruga, na sua coluna da "Tribuna do Norte", a 9-5-1976, com estas palavras: "Tenho também um bilhete do mestre Câmara Cascudo. Que ele escreveu para Veríssimo de Mélo sobre os 100 anos de dona Emília, mãe de Vivi, de Protásio de Pelúsio. Roubei o bilhete, uma prosa sabor de cocada, de rapadura, pra gente saborear, juntos, neste domingo.

"VIVI: O centenário de Emília deveria ter sido feriado nacional, estadual, municipal. Passeata, solenidade, bebedeira, júbilo. O BRASIL continua vivendo graças ao esforço humilde, silencioso, diário de milhares de Emílias, procriando filhos sadios, instruindo-os no amor, dedicação, interesse, divinos. É a única educação fundamental e proveitosa. Alimenta-os, veste-os,higiena-os, (contra vontade deles), consola-os, com o exemplo inicial da persuação, acarinha-os, adormece-os, forma-os para a Vida.

Compare os produtos dos consórcios culturais, políticos, industriais (não há Economia no Brasil, apenas Finanças), fornecendo inquietação, angústia, agitação, com os produtos da parceria Emília-Graciano: - limpos, laboriosos, dignos, já produtores intelectuais e genéticos...

Beije a mão de Emília. No meu estado de espírito, se eu a vir, apaixono-me por ela ou dou pra chorar, como atriz de novela babão. Deus lhe dê, a ela, outros 100 anos, na Terra e a Eternidade na felicidade celestial". a) Cascudo.

= = = = = =

Terminamos, parafraseando o sempre sábio Padre Vieira, pedindo desculpas de ter sido prolixos, porque, com esta agradável e agitada II Semana de Cultura Nordestina, não tivemos tempo de ser breves.

Este livro foi Composto e Impresso
pela Companhia Editora do Rio
Grande do Norte — C E R N

Com a publicação desta plaque - CASCUDO EM DOIS TEMPOS - o Professor - O Epistológrafo de autoria do escritor e folclorista Veríssimo de Mêlo, lançada por ocasião da conferência do Mestre, no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, em comemoração aos 90 anos de "A REPÚBLICA" e em homenagem à memória do seu fundador, Senador Pedro Velho de Albuquerque Maranhão, damos por encerradas, oficialmente, as festividades que marcaram este importante período na vida do mais antigo órgão de imprensa do Estado.

Há um outro volume em preparo - que enfeixará as quatro conferências pronunciadas respectivamente pelos escritores Nilo Pereira e Veríssimo de Mêlo (na Academia Norte-Riograndense de Letras (dias 5 e 12/7), Diógenes da Cunha Lima (no auditório da Reitoria da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, dia 19/7), e finalmente Luís da Câmara Cascudo, no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, contendo também o discurso de agradecimentos da poetisa Heloísa Maranhão, neta de Pedro Velho, que veio a Natal, a convite de "A República" representando a família do homenageado.

Natal, 26 de julho de 1979

Nilson Patriota

F000229